

## FAUSTO WOLFF: O LOBO QUE NÃO SE RENDE

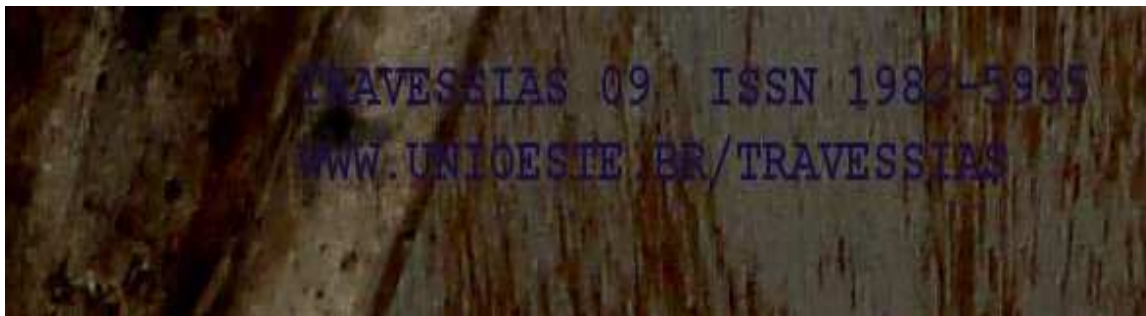
**Antônio Carlos Pimentel Jr.**

O acrobata caiu. Sem pedir desculpas, matou o cantor e chamou o garçom. Tomou umas duas dúzias de chope regulamentares (é o peso da idade), pingando de boteco em boteco da Lapa ao Leme, antes de seguir para o Caju, na zona portuária do Rio de Janeiro, num 7 de Setembro, Dia da Independência (quanta ironia!). No fogo alto, o gigante teuto-brasileiro dos pampas de quase dois metros de altura, o cronista mais fiel do Brasil da ditadura, o revolucionário comunista, ainda que sessentão, o jornalista furioso, o poeta talentoso, o escritor atormentado, o homem revoltado, camusiano, virou cinzas. Fausto Wolff está morto.

Faustin von Wolffenbüttel (Santo Ângelo -RS, 8 de julho de 1940 – Rio de Janeiro, 5 de setembro de 2008) foi um jornalista e escritor brasileiro. Internado em 31 de agosto de 2008 com hemorragia digestiva, morreu por disfunção de múltiplos órgãos, no Rio de Janeiro, em 5 de setembro de 2008. Já está assim na Wikipédia desde a noite de sexta-feira, 5, tão logo a notícia se espalhou. Como é rápida, mesmo, essa internet.

Fausto Wolff era pseudônimo. Claro. Seria difícil sobreviver no Brasil com nome tão complicado, pobre e descendente de imigrantes alemães. Houve um dia, no passado medieval, em que os Wollfenbütel atravessaram gerações pelos reinos da Europa. A história da nobreza ancestral, transformada em saga no premiado romance “À mão esquerda”,

**Antônio Carlos Pimentel Jr.**



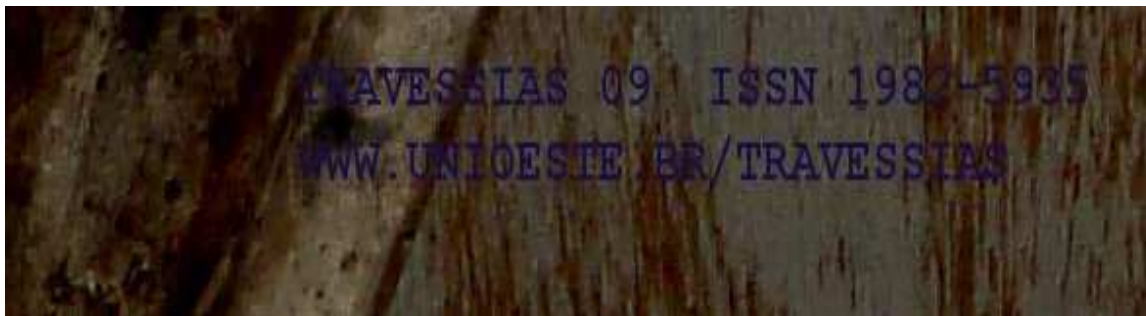
legou a Wolff um título perdido no tempo e a honra, que essa não se pode deixar escapar. Só.

O dinheiro, razão de tantas maleficências, segundo o ideário wolffiano, ele começou a ganhar aos 14 anos, como repórter policial - “depois da crônica policial, só a literatura”, dizia o poeta Ruy Barata -, e nunca mais do que o necessário para se manter vivo (bom, é certo que sobrava algum para a cachaça, espécie de marca registrada, na vida e na obra). Exilado depois de 1968, ensinou literatura brasileira em universidades de Nápoles, na Itália, e Copenhague, na Dinamarca. Era autodidata.

Wolff adotou o jornalismo como missão. Talvez por isso, sua passagem pela grande imprensa escrita tenha sido tão tumultuada. Havia incompatibilidade de gênios. Parcial no estilo - dele também se dizia que era um doce temperamental na convivência -, pulou de redação em redação. Brigou muito. Bateu e apanhou. Na TV Educativa, como “O advogado do diabo”, cumpriu à risca o papel do jornalista: perguntou, fustigou, provocou entrevistados famosos e colecionou inimizades. Sobre o volume de crônicas “A Imprensa Livre de Fausto Wolff (L&PM, 278 páginas)”, debochava: “É uma defesa da imprensa livre, mas também quer dizer que a imprensa está livre de mim, já que eu fui demitido de todos os jornais em que trabalhei nos últimos tempos”. Todos, exceto um: ao morrer, Fausto Wolff publicava uma coluna no Jornal do Brasil.

Houve também O Pasquim, a trincheira que acolheu a inteligência brasileira por mais de 30 anos. Foi de lá que Fausto Wolff mergulhou na literatura. Escreveu pelo menos duas dezenas de livros. Escreveu como viveu: com a raiva dos insurretos, com o humor dos sátiros, com a ternura dos apaixonados.

**Antônio Carlos Pimentel Jr.**

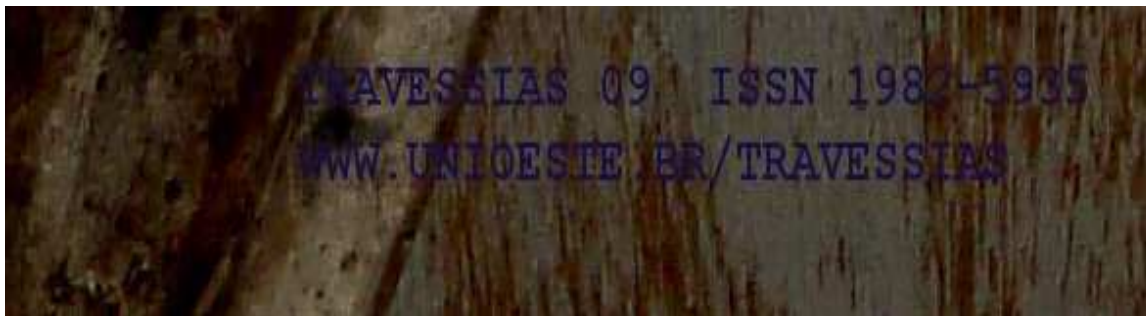


Homem e escritor tiveram bom trânsito no território das mulheres. As relações, porém, jamais foram de quietude. Na vida real, acumulou casamentos e deixou duas filhas. Na ficção, Fausto Wolff encarou as complexidades do universo feminino. Achou na mitologia grega que tão bem conhecia as personagens adequadas para exaltar a beleza e o desprendimento da mulher-amante e enlouqueceu as feministas em artigos de jornal ou pelas vozes de suas personagens: “Comi algumas das mulheres mais ricas do mundo e nunca lhes pedi um putto”, afirma Joel/Jeová/Wolff em “Olympia”.

Entender Fausto Wolff requer um pouco de tempo. Ler seus livros é bem mais fácil. O texto escorre, as palavras caminham sem tropeços. Na resenha de sua seleção de contos, o crítico André Seffrin avisa: “A literatura de Fausto Wolff é dura, contundente e detesta as boas maneiras. Está repleta de palavras de revolta, de pragas, de palavrões. E de situações equívocas. O escritor fala, sem volteios ou metáforas, de suas preocupações pessoais e sociais que, numa escala ascendente (ou descendente, quem sabe!), vão da ânsia pela bebida à sem-vergonhice que domina a política do país. A maneira direta de afirmar, sem papas na língua, como se dizia nos velhos tempos, fez de Fausto Wolff uma espécie de escritor maldito, olhado meio de lado pelos bem-pensantes, talvez aqueles que as suas farpas possam atingir. A repulsa de tal gente é quase uma consagração. Vale a pena conhecê-lo, para se encantar ou se chocar, amá-lo ou detestá-lo. Em suma, tomar uma atitude radical, como é de gosto do autor. O importante é que ninguém sai de suas páginas como entrou.”

Julio Cortázar disse, de Edgar Allan Poe, que se trata “de um dos grandes porta-vozes do homem, pelas imagens dos pesadelos, pelas dimensões da natureza profunda do

**Antônio Carlos Pimentel Jr.**



homem e também pela busca de certos sonhos e ideais”. O mestre argentino sentencia: “Há em nós uma presença obscura de Poe, uma latência de Poe”. O mesmo se pode afirmar de Fausto Wolff. De deus ao diabo, do ministro corrupto devorado pelo povo faminto aos generais da opressão, dos poderosos e dos tiranos sanguinários espalhados pelo mundo afora, da política suja e dos políticos sujos, dos milionários esnobes aos miseráveis das calçadas, dos colunistas hipócritas aos jornalistas lambeteiros, ninguém passou impunemente pelas páginas de Wolff.

O lobo deixou sua marca. Em cada artigo, conto, poema ou romance que escreveu. Nos mundos paralelos que criou, Olympia e a Terra do Antes. E, sobretudo, neste nosso planetinha insignificante e ao mesmo tempo encantador que de suas idéias e de sua indignação se socorre, vez por outra, para resistir à estupidez humana.